

CRONOTOPO PANDÊMICO E A PRODUÇÃO DE IMAGENS CORPÓREAS: REFLEXÕES INACABADAS

CRONÓTOPO PANDÉMICO Y LA PRODUCCIÓN DE IMÁGENES CORPORALES:
REFLEXIONES SIN TERMINAR

PANDEMIC CHRONOTOPE AND THE BODIES IMAGE PRODUCTION: UNFINISHED
THOUGHTS

Nívea Rohling*

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

RESUMO: Este artigo, embasado nos estudos bakhtinianos, propõe a emergência de um cronotopo pandêmico em decorrência da crise sanitária global, deflagrada pela proliferação do novo coronavírus, que causa a doença COVID-19. Esse cronotopo caracteriza-se como um espaço-tempo em que se produz um conjunto de discursividades relacionado a esse tema. Buscou-se, ainda, descrever imagens que emergem sobre o corpo e sua relação com o vírus. Para tanto, foram selecionadas algumas imagens fotográficas, publicizadas nas mídias digitais no período do isolamento social. Como síntese, destaca-se que, no interior desse cronotopo pandêmico, emergem microcronotopos que produzem imagens corpóreas, tais como: o hospitalar, o do isolamento social e o da morte. Há ainda uma certa tipologia dos corpos regulada por relações classe-gênero-raça, em uma perspectiva de interseccionalidade, que normatizam os modos de simbolização desse real (o vírus e a doença) pelos corpos.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Cronotopo Pandêmico. Corpo.

RESUMEN: Este artículo está anclado en estudios bakhtinianos y propone la aparición de un cronotopo pandémico debido a la crisis de salud global, desencadenada por la proliferación del nuevo coronavirus, que causa la enfermedad COVID-19. Este cronotopo se caracteriza por un espacio-tiempo en el cual se produce un conjunto de discursividades relacionadas al tema. Se busca aún describir

* Doutora Linguística pela Universidade Federal Santa Catarina (UFSC), Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: nivear@utfpr.edu.br.

las imágenes que surgen sobre el cuerpo y su relación con el virus. Para ello, se seleccionaron algunas imágenes fotográficas, publicadas en medios digitales durante el período de aislamiento social. En resumen se destaca que, dentro de este cronotopo pandémico, surgen micro cronotopos que producen imágenes corporales como: el del hospital, el del aislamiento social, el de la muerte. Hay también una determinada tipología de cuerpos reglados por relaciones de clase, género y raza, en una perspectiva de interseccionalidad que estandariza formas de simbolizar este real (el virus y la enfermedad) por los cuerpos.

PALABRAS CLAVE: Discurso. Cronotopo pandémico. Cuerpo.

ABSTRACT: This paper carries out, on a Bakhtinian dialogical principle perspective, the emergence of a pandemic chronotope due to the worldwide sanitary crisis, set off by the new coronavirus 2019-nCov. This chronotope features like a space-time in which is produced a discursiveness set related to this issue. Thus, it was attempted to describe the surfaced images between body and the virus. Therefore, some pictures were selected, published on social media during this lockdown period. Summing up, inside this pandemic chronotope, microchronotopes come out producing bodies images, such as: in the hospitals, the lockdown, and the death. Still, there is a typology of the bodies controlled by the class-gender-race relations, in an intersectionality view, which rules how the real (the virus and the disease) is symbolized by the bodies.

KEYWORDS: Discourse. Pandemic Chronotope. Body.

1 PALAVRAS INICIAIS

A pandemia deflagrada pelo novo coronavírus e que causa a COVID-19¹ desestabilizou os modos de ser e viver a vida social. As rotinas do trabalho, dos afetos, do convívio familiar, da experiência psíquica foram (estão sendo!) afetadas/perpassadas pela emergência de um vírus e pelas implicações de sua violência. Dessa experiência derivam diferentes maneiras de simbolizar, significar e semiotizar esse real que afeta a todos, ainda que de modo distinto. Esse estado de coisas se materializa na linguagem, em que se observa uma vasta produção discursiva em um cronotopo específico, a saber, o espaço-tempo relacionado a essa crise sanitária global. E, no centro desse debate está o corpo, afetado/atravesado pelo vírus e discursivizado nas complexas arenas da comunicação discursiva. Neste contexto de produção discursiva, no presente artigo, proponho a emergência de um cronotopo pandémico em que se produz um conjunto de discursos que colocam em destaque o tema pandemia e os objetos discursivos relacionados, tais como: vírus, doença, morte e o corpo, sendo este último elemento tematizado nesta reflexão.

Para tanto, na seção inicial, há um detalhamento dos aspectos metodológicos imbricados na análise desenvolvida. Na sequência, a partir do conceito de cronotopo oriundo da leitura bakhtiniana, discuto a emergência de um cronotopo pandémico. A seguir, discorro sobre a noção de corpo e descrevo o vírus na condição de um dispositivo que está a subjetivar os sujeitos e que, ao mesmo tempo, pode ser tomado como objeto de discurso no contexto de pandemia. Na sequência, apresento a análise de imagens corpóreas, produzidas nesse espaço-tempo na relação do corpo com vírus, aventando a existência de microcronotopos no interior do cronotopo pandémico. Por fim, seguem considerações finais – sempre provisórias – para fins de acabamento do texto.

2 SOBRE A ANÁLISE EMPREENDIDA: A QUESTÃO DA IMAGEM

A presente análise foi desenvolvida na emergência de um evento particular/singular de impacto global, como dito antes, a pandemia provocada pela COVID-19 (2019-2020), que, no campo discursivo, caracteriza-se como um evento no mundo que se caracteriza como um gatilho para produção de uma série de cadeias enunciativas que tematizam a referida pandemia e seus impactos nas diversas esferas de atividade humana.

¹De acordo com informações publicadas na página oficial do Ministério da Saúde no Brasil: os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo, em seguida, disseminada e transmitida pessoa a pessoa. Já COVID-19, por seu turno, é a nomeação da doença causada pelo coronavírus Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/perguntas-e-respostas> (BRASIL, 2020).

A partir desse evento singular sem precedentes na contemporaneidade, emergem discursividades constituídas dialogicamente com os discursos anteriores - *já ditos e pré-figurados*. Em outros termos, esse contexto discursivo gerou uma profusão de discursos midiáticos, médicos, no campo da legislação e dos discursos sobre as corporalidades, passíveis de serem investigados e tomados como objeto de análise no campo de estudos discursivos.

Nesse cenário, a linguagem é fundacional na medida em que simboliza esse real complexo e perturbador; a linguagem materializa semioticamente os signos referentes aos objetos no mundo, enfim produz/cria modos de interagir e produzir sentidos mediante ao que está posto como realidade – o real do vírus, da doença.

Dito isso, do ponto de vista teórico-metodológico, nesta reflexão, agencio a noção bakhtiniana de cronotopo, corpo social, signo e discurso. Discurso, neste texto, é concebido como um fenômeno concreto, histórico, ideológico e social, que se realiza na palavra, na vida real no interior das interações discursivas (BAKHTIN, 2015[1930]). Trata-se do conceito de discurso como heterodiscurso, ligado à “[...] concepção bakhtiniana de mundo como acontecimento, de realidade como um processo de formação, como o ser constituindo-se pelo discurso.” (BEZERRA, 2015, p. 12), orientado por uma noção da linguagem em que:

[n]ão tomamos a língua como um sistema de categorias gramaticais abstratas; tomamos a língua *ideologicamente preenchida*, a língua enquanto cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um *maximum* de compreensão mútua em todos os campos da vida ideológica. Por isso a língua única exprime as forças da unificação verboideológica concreta e da centralização que ocorre numa relação indissolúvel com processos de centralização sociopolítica e cultural. (BAKHTIN, 2015[1930], p. 40)

Com relação ao aspecto metodológico e recorte de dados, não houve a pretensão de categorizar detalhadamente enunciados específicos sobre o corpo, produzidos nesse cronotopo, e sim mencioná-los/apontá-los na emergência do acontecimento que é quase o da escrita deste texto, anunciando uma potencialidade em termos de agenda de pesquisa.

No entanto, a fim de dar certa materialidade à reflexão proposta sobre as imagens evocadas/suscitadas no cronotopo pandêmico, optei por, além de mencioná-las, pinçar algumas imagens concretas em circulação social que pudessem contextualizar a análise proposta. Se a opção fosse por apenas mencionar tais imagens, certamente o leitor poderia inferi-las, haja vista que, nesse período, há em circulação um saturamento de textos-enunciados de cunho multissemiótico sobre o tema. É importante aqui diferenciar as imagens que emergem como semiiose, como linguagem de modo subjetivo no discurso interior e a imagem concreta publicizada – o registro fotográfico em circulação social, por exemplo. Ao analisar imagens sobre corpo, trata-se de imagens simbólicas e que também se mostram na materialidade linguageira.

Assim, com vistas a um adensamento da discussão a opção metodológica foi de analisar imagens publicizadas na rede, para isso, selecionei 06 (seis) imagens/objetos concretos semiotizados em um determinado espaço sociointeracional, a saber: a) 01 imagem representativa da dimensão semiótica do vírus, disponível em um site de imagens; b) 04 fotografias inseridas em uma curadoria da Folha de S. Paulo e c) 01 fotografia inserida em uma matéria jornalística também publicada na Folha de S. Paulo.

Essa seleção foi feita por meio de sites de busca de imagens, na rede, na qual me deparei com uma curadoria de fotografias veiculadas pela Folha de S. Paulo, no período de isolamento social, e que evocam a imagem de corpos e espaços afetados pela pandemia. Como dito antes, dessa curadoria de imagens, foram selecionadas 04 fotografias para compor a presente análise (Cf. figuras 02, 03, 04 e 06). A partir de objetivos editoriais específicos, na esfera do jornalismo, a Folha de S. Paulo produziu uma seleção de registros fotográficos que circularam pelo mundo. Nesse trabalho, o veículo jornalístico compilou imagens de hospitais, retratando o drama nas salas de emergência, a remodelação dos cultos religiosos, o vazio dos espaços públicos em virtude do isolamento social demandado. O autor da curadoria, Diogo Oliva, selecionou fotografias oriundas de várias partes do globo, intitulando-a do seguinte modo: “*Pandemia em fotos*”. A curadoria inicia com o seguinte texto de abertura: “*Imagens mostram o vazio, emocional e físico, provocado por um vírus que mudou a maneira como enxergamos o mundo*” (OLIVA, 2020) Desse modo, o texto verbal, constitutivo da curadoria, já anuncia aos interlocutores o impacto das imagens ao retratar situações do espaço-tempo pandêmico. Em síntese, selecionei, para presente discussão, objetos imagéticos que se mostraram significativos do cronotopo pandêmico e que apontaram para produção de sentidos

sobre a corporalidade. O objetivo não foi exaurir a análise das fotografias ou das matérias jornalísticas em que se inserem tais imagens, antes, por meio desses enunciados, busquei discutir os sentidos produzidos, tendo em vista que o vírus é um objeto real que está a subjertivar os sujeitos no que lhe é de mais próximo, naquilo que é o limite do sujeito e o mundo – nos corpos.

Assim, os objetos fotográficos são tomados como enunciados na acepção bakhtiniana, ou seja, como a unidade concreta da situação de interação discursiva e que estão ligados a enunciados outros constituindo uma cadeia ininterrupta de sentidos e valoração. Embora Bakhtin e o Círculo tenham analisado preferencialmente a constituição do discurso nos domínios do campo estético, pode-se também estender tais procedimentos de análise e o próprio conceito de discurso às demais esferas de produção de atividades humanas. Vale destacar que há poucas considerações, na elaboração do Círculo, sobre a imagem. Contudo, em um de seus textos, Bakhtin sinaliza uma abordagem mais ampla das relações dialógicas, “[...] estas [as relações dialógica] são possíveis também entre outros fenômenos [que não sejam verbais/linguísticos] conscientizados desde que estes estejam expressos numa matéria signíca”. E, ainda, “[...] as relações dialógicas são possível entre imagens de outras artes” (BAKHTIN, 2008[1963], p. 211). Desse modo, é possível argumentar que existem relações dialógicas entre outros fenômenos que não sejam estritamente linguísticos e que Bakhtin confere um caráter de enunciado a tais fenômenos, como no caso da fotografia. Ademais, no decorrer do percurso de leitura e recepção dos textos bakhtinianos, já há um conjunto de pesquisas que exploram a potencialidade dos escritos do Círculo para análise da multiplicidade de materialidades semióticas que constituem os enunciados contemporâneos (ROHLING DA SILVA, 2010; ACOSTA PEREIRA, 2012; BARONAS *et al.*, 2013; DE PAULA; LUCIANO, 2020). Na visão de Baronas *et al.* (2013), a abordagem dialógica não se volta somente para uma perspectiva interna ou externa da materialidade linguageira, mas na amplitude do “diálogo”, o que permite pensar que essa reflexão teórica dimensão multimodal da linguagem, o que inclui também a dimensão verbo-visual nas interações dialógicas entre sujeitos. Já De Paula e Luciano (2020), por sua vez, apostam num olhar tridimensional, uma vez que o Círculo se debruça sobre a palavra, entendida de forma alargada, que se articula e realiza na interrelação das dimensões verbal (semântica), vocal (sonora) e visual (imagética). Dessa forma, a verbivocovisualidade constitui a linguagem em qualquer materialidade enunciada com maior ou menor ênfase, como potencialidade a ser explorada, a depender do projeto arquitetônico autoral demandado (DE PAULA; LUCIANO, 2020).

Além disso, é preciso considerar que, ao se discutir fotografia, está em jogo a “pregnância do real na fotografia” (DUBOIS, 1993), uma vez que não se pode negar o caráter referencial da fotografia no sentido de apontar uma realidade - a fotografia como espelho do real. Mas há também a ideia de fotografia como transformação de um real principalmente pelo fato de que a imagem possui uma dimensão indiciária, sendo dotada de um valor todo singular ou particular (DUBOIS, 1993). A teorização mais recente no campo é de que “[...] a fotografia não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, e assim, também, culturalmente codificada.” (DUBOIS, 1993, p. 26).

Tendo, pois, nesta seção descrito aspectos teórico-metodológicos da análise, a seguir apresento a discussão sobre o cronotopo pandêmico.

3 O CRONOTOPO PANDÊMICO

Oriundo do campo da matemática e introduzido na base da teoria da relatividade, o conceito de cronotopo é trazido por Bakhtin para o campo da estética a fim de empreender o discurso romanesco². O autor acentua que os valores cronotópicos constituem-se em uma entrada importante para o entendimento do romance do próprio homem, ou seja, o sujeito no mundo e suas relações de alteridade. Bakhtin chama de cronotopo a interligação essencial das relações de espaço e tempo, em que pese a inseparabilidade do espaço e do tempo. Nessa relação, há um processo de assimilação do tempo e do espaço históricos reais e do homem histórico e real que neles se revela, e esse processo transcorre de modo complexo e descontínuo (BAKHTIN, 2018[1975]). É por meio da porta do

² Neste artigo, além das traduções mais comumente citadas, utilizo a nova edição de “Teoria do Romance II: As Formas do tempo e do Cronotopo”, de tradução de Paulo Bezerra, que compõe um conjunto de novas traduções da obra do Círculo de Bakhtin vertida diretamente do russo para o português. Nas versões anteriores, a discussão sobre cronotopo pode ser lida em “O tempo e o espaço nas obras de Goethe”, inserido em “A respeito de problemas da obra de Dostoiévski” (2003[1979]) e “Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica” (1998[1975]).

cronotopo que se realiza qualquer intervenção na esfera dos sentidos; nas relações cronotópicas que se revela uma determinada visão de homem e o seu estudo não pode se dar de forma dicotômica e abstrata - tempo x espaço - já que há uma indissolubilidade de espaço e de tempo. Para o autor, os índices (indícios?) do tempo transparecem e se realizam no espaço e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo (BAKHTIN, 2018[1975]).

A relação espaço-tempo não se trata de mera descrição cronológica, mas antes é um processo em contínua formação no campo do acontecimento (BAKHTIN, 2018[1975]). O tempo que se passa em qualquer espaço não é mero preenchimento espacial; é, sobretudo, movimento e transformação. Por isso Bakhtin (2003[1979]) pondera que é preciso ler os índices do curso do tempo. Tudo aponta para o tempo em movimento, desde as manifestações do tempo na natureza (o movimento do sol, das estrelas, o canto dos pássaros, etc.) até as realizações humanas, que evidenciam as marcas do tempo histórico (a criação das cidades, ruas, obras de arte, técnicas, organizações sociais).

Sobre a dimensão espaço-tempo, Bakhtin escreve: “As séries espaciais e temporais dos destinos e das vidas dos homens se combinam de modo peculiar, complicando-se e concretizando-se pelas *distâncias sociais*, que não são superadas. Este é o ponto do enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos. Parece que o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando os caminhos) [...] (BAKHTIN, 1998[1975], p. 350).

Bakhtin tece uma profunda análise das grandes séries cronotópicas na história do desenvolvimento do romance, evidenciando a forma como o cronotopo fornece um terreno substancial à imagem-demonstração dos acontecimentos. Isso porque há uma espécie de condensação e objetivação dos espaços nos índices de tempo (BAKHTIN, 1998[1975]).

Nessa explanação, Bakhtin (1998[1975]) discorre sobre o cronotopo da estrada, que marca o deslocamento do homem no espaço e as etapas da vida (parte moço, volta homem); há cruzamentos e intersecções na estrada que decidem a vida desse homem. O espaço-tempo da soleira, por sua vez, caracteriza a crise, ou seja, a mudança de vida, a metamorfose no homem, a decisão que muda a existência. O autor segue descrevendo variados cronotopos em que emergem diferentes imagens: o da perda/obtenção, busca/descoberta, reconhecimento/não reconhecimento, o da sala de visitas na sociedade burguesa, em que se evidencia o entrelaçamento entre o público e o particular, onde há uma associação entre a intriga pessoal e íntima com a intriga política e financeira, do segredo de Estado com o segredo da alcova; há ainda as séries cronotópicas das praças e ruas de Dostoiévski.

Nessa descrição de séries cronotópicas, Bakhtin destaca como mais significativo, no romance, o cronotopo do encontro-despedida, ligado ao da estrada. Pois, de forma fortuita, na estrada há o encontro entre pessoas, representantes de todas as classes, regiões, idade, nacionalidades; a estrada é o lugar em que se cruzam diversos destinos. O encontro é o que melhor evidencia a “[...] unidade indissolúvel (mas sem fusão) das definições de tempo e espaço [...] um caráter elementar, preciso, formal e quase matemático” (BAKHTIN, 20018[1930], p. 28). O motivo do encontro carrega matizes/tons diferentes e concretos; é constituído de tons valorativo-volitivos, isso porque o encontro pode ser desejado ou indesejado, alegre ou triste, às vezes terrível. A depender do contexto, o motivo do encontro assume diferentes expressões verbalizadas. De modo que o cronotopo do encontro é um dos mais universais não só na literatura, mas em outros campos da cultura, assim como em outras esferas da vida. Os encontros, destaca o autor, por vezes, definem diretamente todo o destino de um homem na vida e no seu cotidiano (BAKHTIN, 2018[1975]). Afinal, o que querem os sujeitos senão encontrar o outro? Princípio da alteridade!

Dentro das grandes séries cronotópicas insere-se uma quantidade ilimitada de pequenos cronotopos, uma vez que cada tema possui o seu próprio cronotopo (BAKHTIN, 1998[1975]). Esses diferentes cronotopos estão interligados na produção de sentido por meio de relações dialógicas que lhe são inerentes. Assim, “[...] podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas.” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 357).

Todas essas imagens evocadas por Bakhtin são significativas e provocativas contemporaneamente, pois a concretização do espaço no índice do tempo desvela o tempo da vida humana e o tempo histórico (BAKHTIN, 1998[1975]). O próprio Bakhtin afirma que pretendeu descrever o cronotopo romanesco, mas salienta que há outros a regular diferentes dimensões da atividade humana, ao

mencionar o cronotopo na biologia, por exemplo, afirma que: “[...] entendemos o cronotopo como uma categoria de conteúdo-forma da literatura (aqui não comentaremos o cronotopo em outros campos da cultura)” (BAKHTIN, 2018[1975], p. 11).

Da mesma forma que imagens cronotópicas constroem as *cenas* no texto literário permitem a observação de determinadas produções discursivas da contemporaneidade, cada vez mais complexa, difusa e fluida, para então configurar as relações de espaço que se dão no índice de tempo. Desse modo, partindo do conceito bakhtiniano de cronotopo, é possível aventar a emergência de um cronotopo pandêmico em que se está a produzir uma série de enunciados a ele relacionado em que o corpo toma um lugar relevante? E quais imagens corpóreas esse cronotopo pandêmico produz/evoca?

Orientada por essa concepção de cronotopo como uma relação indissociável entre tempo e espaço, em que emergem imagens e uma certa visão de sujeito é evidenciada, é que proponho a existência de um cronotopo pandêmico. Este cronotopo se configura como um tempo-espaço marcado pela emergência da pandemia deflagrada pela COVID-19, em dezembro de 2019 e estendendo-se para 2020 em diante, na cidade chinesa Wuhan, e que pelo processo de globalização espalhou-se por todos os cantos do mundo. Do ponto de vista do tempo, é possível aventar uma marcação pontual (2019), mas os efeitos desse evento global nas atividades humanas ainda não se pode mensurar. Já a categoria espaço, seria um espaço global por se tratar de uma pandemia? Ademais, do mesmo modo que Bakhtin propõe que dentro de grandes séries cronotópicas há também outros pequenos cronotopos que se atravessam e se interligam, é possível dizer que o espaço-tempo pandêmico agrega diferentes e pequenos cronotopos em que se desvelam tons valorativos para o vírus e para a crise sanitária.

Nesta seção, abordei a noção de cronotopo na acepção bakhtiniana e propus a emergência de um cronotopo pandêmico, em que há uma extensa e densa produção e circulação de discursividades relacionadas à crise sanitária e que produz também uma multiplicidade de imagens corpóreas. A seguir, focalizo a relação entre vírus e a subjetivação dos corpos por meio de imagens produzidas nesse espaço-tempo.

4 O VÍRUS E A SUBJETIVAÇÃO DOS CORPOS

Inseridos no cronotopo pandêmico estão em relação o vírus e os corpos. Antes, porém, de discorrer a relação corpo e as imagens evocadas, é preciso focalizar o vírus. Qual seu papel? Qual o seu lugar nesse cronotopo pandêmico? Certamente é um lugar de destaque, tendo em vista que pode ser compreendido como um dispositivo particular que organiza em torno de si uma série de discursividades outras. Para tanto, dispositivo aqui é concebido como “[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes.” (AGAMBEN, 2009, p. 13).

Ademais, o vírus pode ser considerado também como objeto de discurso, que é tematizado, valorado, dito todos os dias nos enunciados – nos noticiários, nos grupos de conversas on-line etc. Retomo aqui que, na visão de Bakhtin/Volochínov (1926, p. 9), “[...] o enunciado é concreto (e não a abstração lingüística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação”. O enunciado é a expressão e o produto da interação de três participantes, a saber: o falante (autor), o interlocutor (leitor, contemplador, espectador, ouvinte) e o tópico (herói, tema, o quê ou quem da fala) (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1926). Nessa descrição dos participantes da interação é possível conceber o vírus como o tópico ou herói no interior do cronotopo pandêmico. Em suma é o grande tema!

O vírus como um objeto real e concreto carrega em si um caráter signífico interessante. Em termos de linguagem verbal é nomeado nas conversas cotidianas como *corona*, *coronavírus*, *vírus*, constituindo objeto de discurso. E, ainda, revela-se como um signo imagético do ponto de vista semiótico, como mostra a imagem a seguir:

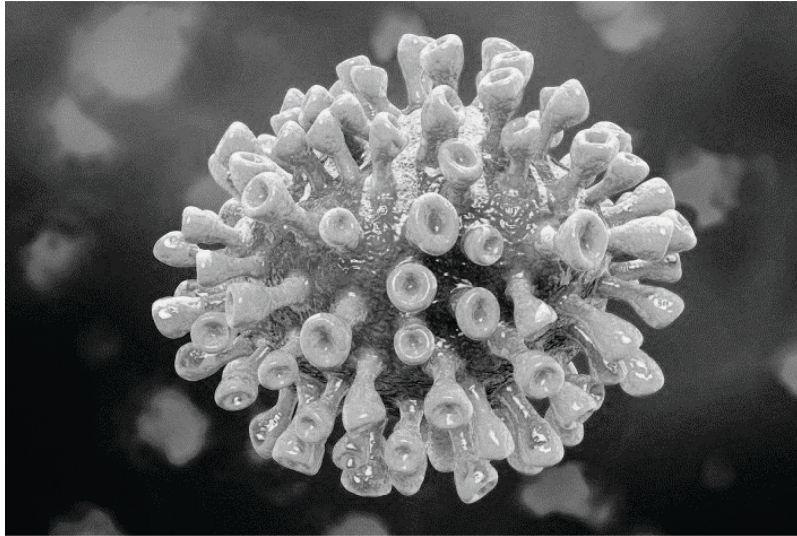


Figura 1: Representação semiótica do vírus

Fonte: Stockphoto (2020)

Tem circulado em sites de notícias representações materiais do vírus a partir de imagens semióticas construídas no discurso médico-científico sobre esse grande tema. São imagens às vezes na cor verde, outras lilás, azul, rosa etc., numa forma arredondada e apresentando tentáculos. É possível dizer se trata de uma imagem estética que carrega beleza e singularidade, embora produza uma ação violenta nos corpos humanos.

Na condição de dispositivo, o vírus é algo externo que está a subjetivar os corpos das pessoas de várias maneiras e de modo intenso. É no próprio corpo que se sente o seu poder de acesso e penetração. Em texto recente, Judith Butler (2020) discorre sobre o fato de que o vírus não pertence a nenhum corpo que o contrai. É um objeto externo e autônomo. Não é uma posse e nem um atributo, ainda que se diga que fulano ou ciclano tem o vírus. Butler (2020) afirma que, pelo contrário, o vírus chega de outro lugar, submete a pessoa ao seu jugo, transfere-se a um orifício ou superfície corpórea pelo toque ou respiração, toma o corpo como hospedeiro o vírus pousa até entrar em outra criatura – é o corpo-vetor!

No cronotopo pandêmico, estão em contato tenso e intenso o vírus e o corpo, o que gera uma série de desdobramentos e produz outros pequenos cronotopos.

Já no tocante à temática do corpo, nos estudos discursivos, é preciso tomá-lo como um objeto social, concreto, como discursividade no campo da coletividade. Portanto, não no âmbito individual e biológico. Butler, no livro seminal *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, afirma que “[...] o corpo só ganha significado no discurso no interior das relações de poder” (BUTLER, 2017, p. 162). São essas relações históricas, sociais e culturais que dão sentido e inscrevem os corpos numa certa ordem de discursos (FOUCAULT, 1996).

Nos estudos do Círculo de Bakhtin, evidencia-se também uma noção de corpo que transcende as relações psicofísicas, para além do aparato biológico, de um objeto científico, a “coisa muda” das ciências exatas. O corpo é dotado de axiologia, atravessado ideologicamente a partir de uma posição singular desse corpo no mundo. Já nos textos filosóficos da década de 1920 – na Filosofia do ato – Bakhtin apresenta conceitos importantes para análise da atividade estética, mas que se mostra produtivo nesta reflexão. Conceitos como *exotopia*, *excedente de visão*, *alteridade* e *ato responsável* (BAKHTIN, 2010) mostram-se potentes quando se questiona: como eu vejo o corpo do outro? Como o outro vê o meu corpo na relação de excedente de visão? Assim, a alteridade como constitutiva do acabamento da identidade, das imagens do corpo são aspectos potentes do ponto de vista da análise.

Ademais, é na obra da *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais* (1993), que a noção de corpo é mais substantiva ao passo que Bakhtin descreve o corpo grotesco por meio das imagens apresentadas na obra de Rabelais no contexto satírico da Idade Média, no conjunto de outras categorias como o riso, a carnavalização, a praça pública. A satisfação de

certas necessidades (a comida, a bebida, o sexo), bem como as partes do corpo que são descritas em suas minúcias: o ventre, os genitais, o falo, enfim as partes baixas, estão intimamente ligados ao espaço-tempo da cultura cômica medieval.

Bakhtin (1993) aponta, na *Cultura Popular*, que o grande corpo social satírico e grotesco medieval é inseparável do mundo, ele é movência, é um corpo em que o nascimento e morte não são absolutos, são fases em movimento. Há corpos em movimento; o corpo se evidencia como um elo com o mundo da vida, de renovação, comunhão na festa do carnaval – na praça pública. Desse modo, o contexto de Rabelais é pulsante em termos de imagens do corpo – o corpo grotesco – que transgride limites e se distancia da ideia de corpo estético e belo dos clássicos. O corpo grotesco se situa no cronotopo da *Cultura Popular* da idade média na obra satírica-cômica de Rabelais em que o espaço é a praça pública, as festividades do carnaval. Dessa forma, trata-se de um espaço-tempo potente em produzir imagens corpóreas no espaço público.

Repisando que não se trata, neste texto, de um corpo biológico e individual, nem de um corpo estático – nem de um corpo da cultura helenística clássica moldada na perspectiva do belo. Antes, o foco recai sobre um corpo social, marcado pela historicidade e coletividade, inscrito em um determinado cronotopo – o pandêmico – e que produz uma certa subjetividade.

Ao discutir as imagens corpóreas no cronotopo pandêmico, vale lembrar que os corpos já são subjetivados por uma série de dispositivos dentro de uma biopolítica do corpo, tais como os aparatos tecnológicos, a economia que rege os corpos saudáveis para o trabalho, para o consumo, para o sexo etc. Agora, nesse espaço-tempo que estou chamando de cronotopo pandêmico, tem sido subjetivado intensamente por uma doença, por um vírus específico, a saber o novo coronavírus. O que promove um deslocamento dos corpos que antes eram para o prazer, para o trabalho, para o afeto, e assumem também o *status* de corpos-vetores de doença, corpos doentes, corpos assintomáticos, corpos imunes, corpos infectados, corpos isolados, corpos expostos etc.

É possível, dessa forma, aventar um atravessamento axiológico diferente para os corpos de sujeitos que estão em lugares sociais distintos, constituindo uma certa tipologia dos corpos que normatiza os modos de simbolizar esse real concreto - o vírus/a doença. Há corpos mais ou menos suscetíveis à doença, os idosos, os sujeitos com comorbidades. Enfim, tem-se uma gradação no tocante ao modo dos corpos contraírem e reagirem ao vírus de modo mais ameno ou de forma violenta. E, ainda, há corpos que “merecem” uma UTI, afinal pagam um plano de saúde, e outros não; a outros se nega uma cerimônia fúnebre e são “jogados” numa vala comum; os que são depositados e aguardam em caminhões frigoríficos até serem cremados ou enterrados; corpos doentes expostos nos hospitais; corpos em isolamento social e outros não. Essa tipologia de corpos evoca imagens distintas de diferentes sujeitos nesse espaço-tempo pandêmico.

Tal economia dos corpos é gerenciada por saberes e relações de poder que produzem uma série de cadeias enunciativas que se colocam a falar sobre esse cronotopo pandêmico. Tais discursos interessam aos analistas de discurso ao passo que emerge uma gama de léxico, de expressões nominais referenciais que se caracterizam como signos – tais como: corpo, morte, doença, vacina, negacionismo, crise sanitária, curva da pandemia, mitigação da pandemia, platô, imunidade de rebanho, contaminação etc. Os sujeitos vão produzindo signos que fazem sentido dentro desse cronotopo pandêmico e, ainda, alguns signos significam no recorte pandemia no Brasil.

Esse conjunto de léxico [signos] é produzido no interior das *esferas de atividades humanas*, isso porque é:

No interior do próprio campo dos signos, isto é, no interior da esfera ideológica, há profundas diferenças, pois fazem parte dela a imagem artística, o símbolo religioso, a fórmula científica, a norma jurídica e assim por diante. Cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social. (VOLÓCHINOV, 2017[1930], p. 94)

As esferas de atividades humanas são o *nascledouro* dos enunciados; são responsáveis por organizar os enunciados de forma a promover o funcionamento discursivo e refratar a realidade. Segundo Grillo (2006, p. 147), “[...] é um espaço de refração que condiciona a relação enunciado/objeto de sentido, enunciado/enunciado, enunciado/co- enunciadores”. Em outros termos, os enunciados não são produzidos em um vácuo social, são, antes de tudo, gerados no interior de determinada esfera de atividade

humana e são balizados pelas finalidades de cada esfera. Assim, as esferas de atividades humanas são um *lugar* de coerções e contingências na constituição dos enunciados, que *nascem* nas interações discursivas; desse modo, elas são moventes, dinâmicas e complexas.

Além de ser um lugar de coerções e contingências discursivas, as esferas são também um lugar de produção de sentidos, de significação das interações entre os sujeitos nas diversas atividades em que participam e, por isso, as esferas são constituídas no bojo das ideologias. Na contemporaneidade, é possível aventar que os limites dessas esferas da criação ideológica estão cada vez mais borradas e em intersecção. Os modos de produzir e comunicar conhecimento hoje, na cultura digital, impuseram às esferas mais estabilizadas (oficiais), que sempre lutaram para estarem afastadas das ideologias do cotidiano, dialoguem e se contraponham/se choquem com o discurso corrente. Trata-se de uma arena entre os campos que tentam manter o domínio ou controle da narrativa nesse espaço-tempo pandêmico – o discurso médico, científico, jornalístico, etc.

No caso do cronotopo pandêmico, as esferas especializadas produzem diferentes narrativas – são discursos médicos, científicos, político-partidários, de organizações como OMS, jornalísticos, o discurso da economia – daí deriva a dicotomia saúde pública x economia no contexto pandêmico brasileiro, por exemplo. Esses discursos, produzidos nas esferas especializadas, estão em diálogo contínuo e tenso com os discursos do cotidiano, refiro-me aqui à noção de ideologias oficiais e ideologias do cotidiano Volóchinov (2017[1930]). Esses enunciados advindos do discurso médico-científico, no espaço-tempo pandêmico, são atualizados no cotidiano – por meio de enunciados de memes, orientações de prevenção, espalhados nos debates em aplicativos de conversa nos grupos de família, na esfera íntima, ou no âmbito do trabalho. Todos esses discursos vão subjetivando/clivando os corpos e regulando aspectos como prevenção e cuidados dos sujeitos no tocante à doença.

A seção seguinte detalha a análise de imagens corpóreas, produzidas no cronotopo pandêmico.

5 AS IMAGENS CORPÓREAS NO CRONOTOPO PANDÊMICO

A fim de refletir sobre as imagens corpóreas produzidas no cronotopo pandêmico, como dito antes, selecionei fotografias, concebidas como enunciados imagéticos, que circularam de modo expressivo nas mídias digitais. Esses enunciados fotográficos, no processo interacional, evocam imagens de corpos enfileirados nas UTIs de hospitais; corpos isolados nos apartamentos; espaços para corpos em covas coletivas, aqui o corpo está presumido; presença/ausência de corpos em espaços públicos comuns – que estão no isolamento, proibidos ou limitados ao uso. Assim, há pequenos cronotopos inseridos nesse espaço-tempo em que novas imagens são constituídas e criam sentidos distintos e diferentes visões de homem.

Assim, foi possível observar, no interior do cronotopo pandêmico, os seguintes microcronotopos: a) do isolamento social; b) hospitalar; e c) da morte.

A partir das imagens fotográficas a seguir, discorro sobre os sentidos produzidos nas imagens evocadas nesses microcronotopos.



Figura 2: Imagens do microcronotopo do isolamento social

Fonte: Oliva (2020)

Dentre as imagens corpóreas veiculadas à exaustão, no interior do espaço-tempo pandêmico, estão às que se referem ao isolamento social. Nesse microcronotopo, tem-se diferentes visões de sujeitos: há os corpos no âmbito do privado que estão distanciados/em isolamento, que podem ser tomados como corpos protegidos; os produtivos, no caso do *home office*; e outros em profundo lócus de doença mental e angústia. Há também os corpos que não podem se isolar – àqueles a quem não é dado a oportunidade/privilégio do confinamento. E, ainda, há o *não corpo* – o vazio/a ausência de corpos nas ruas/nos espaços públicos desertos. Os espaços públicos que antes comportavam corpos em movimento e fervilhamento, agora estão esvaziados³; estão interditados de estarem nos espaços públicos – nas ruas, praças, parques, museus etc. Dizer que há um microcronotopo do isolamento social é considerar, em um primeiro plano, os corpos que mantêm a distância (exotopia?) de outros em espaços privados. Em outras palavras, o vírus – dispositivo que se impõe e causa a doença – exige o distanciamento dos corpos para que se evite a contaminação. Essa distância requerida em situação de pandemia recebe nomeações distintas de acordo com a intensidade, tais como: *isolamento social*, *distanciamento social*, *quarentena* e *lockdown*⁴. Léxicos estes que já existiam anteriormente no saber médico-científico, mas que emergem como recorrentes e importantes nesse cronotopo, sendo necessárias explicações didáticas sobre essas diferenças de sentido pelas esferas de referência para a população em geral. A figura 2 refere-se à imagem de corpos confinados nos apartamentos de uma metrópole, situados pela fotolegenda da seguinte forma: “*Isolados, moradores do edifício Copan, no centro de São Paulo, aparecem como se estivessem confinados em caixas coloridas.*”. Essa fotografia é representativa de tantas outras imagens em circulação social sobre o isolamento/confinamento dos sujeitos em suas casas e apartamentos.

No cronotopo aventureiro, Bakhtin (2018[1975]) descreve o espaço do aprisionamento e cárcere que pressupõem cerceamento e isolamento do herói em determinado lugar. Essa imagem de cárcere é muito responsiva ao cronotopo pandêmico em que alguns

³ Refiro-me ao isolamento social ocorrido no início da pandemia no Brasil em março de 2020. Em cada localidade do país, a abertura se deu de maneira específica – de forma mais ou menos rígida.

⁴ A página da Universidade Federal do Rio Grande do Sul apresenta uma explicação, de modo acessível, à população sobre as diferenças. Segundo a página: *Distanciamento social* é a diminuição de interação entre as pessoas de uma comunidade para diminuir a velocidade de transmissão do vírus. *Isolamento*, por sua vez, é uma medida que visa separar as pessoas doentes (sintomáticos respiratórios, casos suspeitos ou confirmados de infecção por coronavírus) das não doentes, para evitar a propagação do vírus. Já *quarentena*, é a restrição de atividades ou separação de pessoas que foram presumivelmente expostas a uma doença contagiosa, mas que não estão doentes (porque não foram infectadas ou porque estão no período de incubação). Quando as medidas de distanciamento social, isolamento e quarentena individual forem insuficientes, pode ser necessário o *bloqueio total* (também chamados de contenção comunitária, quarentena comunitária ou *lockdown*, em inglês). Esta medida é uma intervenção aplicada a uma comunidade, uma cidade ou uma região, com o objetivo de restringir a interação entre as pessoas e interromper qualquer atividade por um curto período de tempo, com exceção de saídas para atividades básicas como comprar mantimentos ou remédios. Em sua vigência ninguém tem permissão para entrar ou sair do perímetro isolado (UFRGS, 2020).

corpos estão isolados e outros não. O isolamento/confinamento é tido como um privilégio no espaço-tempo pandêmico, mas também pode ser experienciado como uma prisão do ponto de vista subjetivo na relação entre os corpos, privados do convívio social. Desse modo, o dispositivo real produz relações simbólicas e subjetivas no tocante aos discursos sobre os corpos, afetados pelo vírus.

No microcronotopo do isolamento social não há uma homogeneidade. Existe uma tipologia de corpos que estabelece diferentes sentidos no interior do microcronotopo do isolamento. Por exemplo, é possível observar o modo como o vírus subjetiva os corpos de mulheres e homens brancos de classe média alta que, no isolamento, estão protegidos, cuidando dos seus corpos (o cuidado de si e autocuidado são discursos correntes). Nesse microcronotopo, esses corpos dispõem de tempo, de espaço e de possibilidade para se dedicarem às dietas *light*, a novas receitas culinárias, ao cotidiano *fitness*; são corpos fazendo yoga na sala com um professor on-line, nas práticas de leitura, ou acompanhando séries televisivas.

No microcronotopo do isolamento social, há também uma parcela de corpos que estão no seu trabalho home office ou teletrabalho e se revelam nas telas dos computadores por meio de aplicativos de teleconferência em contextos de trabalho remoto e até em reuniões familiares. Vale destacar que o trabalho em casa já se revelava uma tendência no mundo corporativo, que foi aligeirada pela pandemia, sendo, pois, um processo “previsível” nas relações de trabalho contemporâneas cada vez mais frágeis e destituídas de vínculo. O trabalhador, no microcronotopo do isolamento social, ao desenvolver suas atividades em casa precisa agenciar os tempos e negociar os espaços físicos da casa para poder trabalhar e realizar as demais atividades cotidianas. Aqui tem-se um outro aspecto atravessando as relações no âmbito do trabalho, o do teletrabalho acelerado e forçado no limite pelo cronotopo pandêmico. Essa realidade é simbolizada diferentemente pelos sujeitos dentro de suas condições de trabalho, que são também distintas. O que pode ocasionar comodidade para alguns, pode ser um grande esforço cognitivo e que fonte de exaustão para outros. As esferas da vida íntima e do trabalho se misturam/são borradas numa relação nem sempre justa e saudável. De modo geral, do ponto de vista do trabalhador o que se ouve é que se trabalha mais, os prazos são mais curtos, há uma busca insana pela produtividade etc. Empregadores, por seu turno, argumentam que se pode agora cortar alguns benefícios como auxílio alimentação e transporte, uma vez que o trabalhador está em home office, sem considerar obviamente que há redução de custos das empresas que gastam menos com energia, materiais de expediente etc. Obviamente, o capitalismo não dorme em serviço! Enfim, é uma arena de luta de classes tensionada no cronotopo pandêmico.

O *home office*, ocasionado no isolamento social, também altera a lógica do encontro com as pessoas. Retomo aqui a descrição de Bakhtin sobre o motivo do encontro, cronotopo fundacional nas relações contemporâneas e que estabelece uma relação com a ideia de contato, nisso que chamamos de cultura digital⁵ (RÜDIGER, 2011). Os encontros na cultura digital, que foram acentuados no isolamento social em virtude da pandemia, se dão via rede. Os encontros estão enclausurados nas telas dos smartphones ou notebooks, sejam síncronos ou assíncronos; são cada vez mais fluidos e borrados nas suas fronteiras em termos de relações interpessoais e hierarquias, bem como no que respeita aos tempos e aos espaços. Nos aplicativos de mensagens “encontramos” ou entramos em contato com pessoas oriundas de diferentes espaços sociais, da esfera do trabalho, da esfera íntima, da acadêmica etc. Os agenciamentos e enfrentamentos da vida contemporânea passam por esses encontros cada vez mais mediados por aparatos tecnológicos. Não obstante, é preciso não cair no lugar comum na consideração dicotômica de que o virtual e real são mundos paralelos, refiro-me à ideia de viver a *vida on x vida off*, digital x analógico. Antes, trata-se de uma relação de *continuum* em que os artefatos tecnológicos são também produções humanas e estão a subjetivar os sujeitos. Sobre as interações via telas no âmbito do digital, não há como não mencionar o encontro da aula remota no microcronotopo do isolamento social. A aula on-line (ou remota) imposta a professores, alunos e familiares, de modo abrupto, traz deslocamentos, rupturas, incertezas, frustrações de toda ordem. É preciso considerar que o encontro, na aula on-line, já existia antes, porém se acentuou na emergência do cronotopo pandêmico como a única possibilidade para viabilizar as práticas de ensino-aprendizagem, no Brasil, após ser decidido pelo recesso das aulas em meados de março de 2020.

Dito isso, retomo as imagens que emergem do cronotopo do isolamento social. Tais imagens vêm encampando a *hashtag* *#fiqueemcasa*. São imagem de corpos protegidos, presos nas telas que se mostram tanto na publicação em perfis pessoais em redes

⁵ O termo ‘Cultura Digital’ aqui está relacionado à noção de Cibercultura (RÜDIGER, 2011), nas quais a comunicação e a própria informação assumem papel central nas práticas contemporâneas.

sociais, como em propagandas e telejornais em veículos televisivos tradicionais de mídia. A partir da imagem desses corpos protegidos em seus apartamentos, suas varandas, nas telas dos computadores, emerge o discurso do “autocuidado”, o discurso de “vamos sair bem dessa”, “sairemos mais fortes”, “sairemos mais humanizados”, “menos consumistas”, “vai passar”, “fique em casa” etc. Trata-se de uma série de enunciados produzidos em função (em relação com?) do corpo protegido no interior do microcronotopo do isolamento social.

Ademais, na imagem do corpo protegido no isolamento social emerge a temática do tempo que compõe o cronotopo. Como dito antes, na análise bakhtiniana, está em tela a relação indissociável entre o tempo e espaço. A exemplo do romance aventureiro grego, o tempo se caracteriza como uma heterotemporalidade ou uma simultaneidade casual de fatos, ou seja, são acontecimentos que se dão num tempo. Este tempo, por sua vez, está ligado a um espaço que é medido pela distância ou proximidade (BAKHTIN, 2018 [1975]).

No isolamento social, os sujeitos tentam “preencher” o tempo, pois há tempo “livre” em casa a ser “preenchido”, isso porque a vida moderna se constituiu num movimento frenético de preenchimento temporal por via de atividades/tarefas. Desse modo, como dito antes os corpos isolados e protegidos se põem a experimentar novas receitas culinárias, aulas de on-line de yoga, pilates, ginástica, alguns tentam retomar práticas manuais antigas como pintar, bordar ou produzir as próprias máscaras em casa. Também há o tempo para a leitura, exibem-se as bibliotecas das casas nas inúmeras *lives* de artistas ou especialistas, cuja temática é a própria pandemia e a experiência de estar em isolamento. Em suma, há toda uma estratégia de preenchimento do tempo no interior do isolamento social, ou seja, do confinamento, do “cárcere”.

Não obstante, o vírus como dispositivo – e objeto discursivo – também atravessa/cliva os corpos negros, periféricos, de moradores de rua, comunidades tradicionais, dos trabalhadores que não estão isolados e protegidos pelas telas, que precisam sair para trabalhar, usam o transporte público e estão junto de muitos outros corpos. Nesse caso, emergem enunciados outros, “se precisar sair, se proteja”, “use máscara”, “lave as mãos”. Sobre esses corpos, que precisam sair para trabalhar, são produzidos discursos outros, que justificam esse não isolamento, porque o capital não pode parar, a economia não pode parar. Afinal “os corpos também morrem de fome sem dinheiro”! O capitalismo vai se reinventando inclusive no contexto de pandemia.

Não se trata de lançar aqui um juízo de valor sobre tais enunciados. E sim, do ponto de vista da análise, tentar identificar e descrever esses discursos que emergem no cronotopo pandêmico e disputam a centralidade da narrativa no interior de relações de poder e inseridos em uma lógica do consumo.

Outra discursividade emergente nesse cronotopo pandêmico, e que remete à tipologia dos corpos, é que “o vírus é democrático porque atinge a todos sem distinção de raça, classe, gênero”. No entanto, os desdobramentos da crise sanitária põem em xeque essa narrativa ao se levar em conta quem está morrendo mais, quem está mais exposto, quem está protegido, quem tem mais acesso aos recursos/equipamentos de saúde. Assim, é possível observar, nos corpos em isolamento social ou não, uma clivagem de classe, gênero e raça, que remete à interseccionalidade discutida no feminismo contemporâneo. As opressões em termos de raça, gênero e classe vão delineando esse rearranjo dos corpos e subjetividade face à pandemia. De modo que o cronotopo pandêmico está numa relação dinâmica com outros cronotopos, discursividades outras nele (re)produzidas. Além dos pequenos cronotopos produzidos no interior do espaço-tempo pandêmico (o hospitalar, o isolamento social, o da morte), há ainda os sistemas de opressão, muito presentes na nossa sociedade, como o machismo, a homofobia, o racismo, as relações de classe, que estão atravessando o cronotopo pandêmico e sendo acentuados nele. Isso se revela nos debates atuais sobre a pandemia que apontam: o corpo negro é o que mais morre em virtude do vírus; o aumento da violência doméstica nesse período; a dificuldade de populações periféricas no acesso aos recursos médicos e condições de prevenção à contaminação e também o caso da população indígena, que tem sido duramente afetada.

Inserido no microcronotopo do isolamento social, no espaço privado, além dos corpos que estão no confinamento de suas residências, e até mesmo dos que não podem estar em isolamento, há também uma outra imagem emblemática, a da rua – do espaço público vazio.



03.abr.2020 - Vista aérea da Avenida Paulista, em São Paulo, vazia durante quarentena na pandemia do coronavírus

Figura 3: Imagens corpóreas – o microcronotopo do isolamento social 2

Fonte: Linder (2020)

Tem sido recorrente a publicização de imagens dos espaços públicos das grandes cidades vazias. Cidades que eram tomadas por uma grande quantidade de pessoas em circulação, no início da quarentena estavam desertas, como, por exemplo, famosa Avenida Paulista em São Paulo (Cf. figura 3). Trata-se de uma fotografia inserida em uma matéria jornalística, publicada pelo Portal de notícias UOL e tem como legenda: “*Vista aérea da Avenida Paulista, em São Paulo, vazia durante a quarentena na pandemia do coronavírus*”.

O microcronotopo do isolamento social se revela então de modo privado/íntimo no caso dos corpos isolados/confinados, mas evidencia-se também na ausência desses corpos no espaço público, e que foram interditados, pelo dispositivo do vírus, que é transmitido via contato físico. O espaço público é o externo, que está vazio e produz sentidos muito intensos no contexto pandêmico.



Figura 4: Imagens corpóreas – o microcronotopo hospitalar 1

Fonte: Olivo (2020)

Relacionado aos corpos que não podem estar em isolamento social, destacam-se os corpos no recorte do espaço-tempo hospitalar, ou seja, no atendimento dos aparelhos médicos, em que estão dispostos os corpos de pacientes e dos profissionais da saúde. A figura 04 refere-se aos corpos cansados/extenuados dos profissionais da saúde no espaço hospitalar. A esses sujeitos tem sido dado destaque em marcas corporais como, por exemplo, àquelas nos rostos dos profissionais pelo uso intenso dos EPIs. Também tem sido apontado o cansaço de plantões exaustivos de trabalho, o isolamento mais rígido desses sujeitos, privando-os do convívio dos familiares, uma vez que estão em contato direto com corpos doentes/contaminados. No microcronotopo hospitalar, os sentidos relacionados a esses sujeitos/corpos são de força e resiliência. Os trabalhadores da saúde são reconhecidos, no cronotopo pandêmico, como aqueles que lutam contra a morte cotidianamente, são heróis humanos. Por isso, no microcronotopo hospitalar emergem enunciados de agradecimento aos profissionais que estão na linha de frente no combate à pandemia. Há um conjunto lexical relacionado semanticamente à guerra, remetendo ao combate ao vírus: “vamos vencer esse inimigo”, “estamos numa guerra conta um inimigo invisível”, “guerreiros e guerreiras da saúde”.

Ademais, inserido no espaço-tempo hospitalar, estão os corpos doentes/contaminados que demandam internação, como retratado na figura 05⁶.

≡ MENU ASSINE

FOLHA DE S. PAULO

f WhatsApp Twitter Gift Message More

encontrou diversas lacunas e inconsistências nos dados sobre leitos em UTIs, recurso essencial para o tratamento dos casos mais graves de infecção pelo novo coronavírus.



Pacientes com Covid-19 na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Municipal Moyses

Figura 5: Imagens corpóreas - microcronotopo hospitalar 2

Fonte: Balthazar (2020)

No microcronotopo hospitalar, os corpos de pacientes acometidos pela doença e que necessitam de um leito numa UTI e de um respirador mecânico são os afetados de modo mais violento pelo vírus. É o lugar que ninguém deseja, é o lugar de maior enfrentamento na crise, onde se luta de modo intenso pela vida. Nesse recorte de espaço-tempo está o corpo contaminado/doente - mais que isso - trata-se do corpo afetado violentamente pelo dispositivo do vírus. Mas ao ser atacado de modo mais virulento, é uma vaga de UTI que se deseja e se torna a luta da família. Essa vaga não é uma garantia para todos de modo igualitário. Por isso a necessidade do isolamento social para não sobrecarregar o sistema de saúde público e privado, o que mostra que um pequeno cronotopo está intimamente ligado ao outro.

Na figura 6, por sua vez, é apresentada a imagem de covas abertas caracterizando o espaço reservado para sepultar os corpos mortos, que foram vencidos pelo vírus.

⁶ Vale destacar que essa imagem está inserida em uma matéria jornalística, portanto não compõe a curadoria da Folha de S. Paulo como as anteriores aqui apresentadas.



Figura 6: Imagens corpóreas - o microcronotopo da morte

Fonte: Olivo (2020)

As covas, por seu turno, estão sendo abertas/preparadas por outros corpos de trabalhadores, que não estão protegidos no isolamento social. Nessa imagem há uma memória de futuro/de morte, marcado pela ausência do corpo que ainda não está ali, mas estará. A lógica é: muitas covas serão abertas porque muitos morrerão! Também se pode pressupor alguns corpos sepultados que estão cobertos de flores, ali a morte está presentificada, de modo presumido/concluído. A fotolegenda situa esse espaço, “*Em São Paulo, funcionários do cemitério de Vila Formosa abrem novas covas devido ao número crescente de mortos decorrente da evolução da pandemia na cidade.*”.

Assim, o microcronotopo da morte é o espaço-tempo dos corpos vencidos pelo vírus, de vidas que foram interrompidas no cronotopo pandêmico, que atravessou [está atravessando] a todos, mas não da mesma forma. Como dito, até mesmo na ausência dos corpos, a imagem evoca a presença da morte e da ausência dos corpos vivos. Há aqui a ausência de subjetividade nessas covas enfileiradas, nas quais os corpos serão enterrados sem a presença de familiares e amigos, sem seguir os rituais de despedida próprios da cultura da maioria da população brasileira. Há, então, envolvido uma rede de outros sujeitos enlutados que sofrem por não poder estar ali e não sepultar os seus mortos.

O microcronotopo da morte está ligado ao início dessa reflexão quando foi tematizada a relação corpo individual e social. No momento da revisão desse artigo para publicização já são mais de 190.000 (cento e noventa mil) mortos no Brasil⁷. Número este, muitas vezes, naturalizado; tornam-se corpos individuais ao serem tomados somente como números. Tanto é assim que o jornalismo tenta, muitas vezes, construir a narrativa da pessoa para sensibilizar seus interlocutores a fim de pensar de modo coletividade. Por exemplo, em um dos telejornais de maior audiência de televisão brasileira, durante a cobertura da pandemia, são ditos nomes de pessoas que perderam sua vida e conta-se fatos sobre elas e, ao final, diz-se que determinada pessoa faz parte do número de vidas perdidas e que ela é uma pessoa singular, um rosto – um corpo que fará falta a outros corpos. Ademais, ao longo do cronotopo pandêmico, que ainda não se fechou, todos os dias são publicizadas, pelo jornalismo televisivo, radiofônico e mídias digitais, imagens de corpos nos hospitais, de covas, do isolamento social (ou seu relaxamento na fase de abertura). Em suma, há discursos jornalísticos/midiáticos que evocam a noção de corpo como coletividade para despertar uma certa consciência coletiva sobre a crise sanitária global, que produz morte e afeta a todos de um modo ou de outro – seja no interior do microcronotopo do isolamento social, hospitalar ou da morte.

⁷ Foi criado um consórcio de veículos de imprensa, formado por *O Globo*, *Extra*, *G1*, *Folha de S. Paulo*, *Uol* e *O Estado de S. Paulo*, para informar e atualizar a população acerca dos números de mortes causadas pela COVID-19.

6 DAS (IN)CONCLUSÕES

Para fins de síntese, neste texto, busquei desenvolver as seguintes reflexões: a) propor a emergência de um cronotopo pandêmico – que se caracteriza pelo espaço-tempo decorrente da pandemia da COVID-19, em que se produz um conjunto de discursividades relacionado a esse tema; b) considerar que, a partir dele, emergem microcronotopos que estão em relação dialógica constitutiva; c) observar alguns sentidos produzidos a partir da subjetivação dos corpos no cronotopo pandêmico e sua relação com o vírus – sendo este dispositivo e o grande tema/objeto de discurso na contemporaneidade.

Todos esses aspectos abrem espaço para uma agenda de pesquisa que permite um inventário dessas imagens cronotópicas em que se acentuam a relação discurso – corpo no contexto de pandemia, e tantos outros estudos possíveis envolvendo as práticas discursivas no cronotopo pandêmico. Mas vale ponderar sobre a posição ética dessa pesquisa na relação com o mundo da vida. Em que medida tais reflexões podem contribuir no âmbito do humano em um mundo extremamente dolorido, machucado pela perda, pela morte, pelo luto, pela miséria, pela violência, pelas injustiças sociais causadas/asseveradas em virtude do vírus/da doença?

Ajustar as lentes analíticas a partir de um olhar sensível, solidário e problematizador das injustiças, das opressões que se asseveram nesse cronotopo pandêmico pode ser um caminho potente nos debates na Linguística Aplicada transgressiva e no campo de estudos do discurso.

Ressalto, por fim, a obra de Bakhtin e seu Círculo como um pensamento potente para orientar a análise de enunciados verbo-visuais, produzidos em exaustão, no cronotopo pandêmico, em virtude de seu poder de impactar as pessoas e sensibilizá-las ao pensamento coletivo e participativo. Além disso, o conceito fundacional de dialogismo possibilita uma conversa com a filosofia contemporânea, que está se fazendo na emergência dos acontecimentos, a fim de pensar o homem, seu tempo e suas relações no mundo afetado pela vírus/doença. Ademais, conceitos como alteridade, ato ético, responsividade, cronotopo estão no limite do que é vivenciado contemporaneamente e podem sinalizar algumas respostas na reflexão sobre a linguagem na dimensão da vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA PEREIRA, R. *O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda*. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.
- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BALTHAZAR, R. Falta de informação sobre UTIs prejudica combate ao coronavírus. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/falta-de-informacao-sobre-utis-prejudica-combate-ao-coronavirus.shtml>. Acesso em: 7 jul. 2020.
- BARONAS, R. L.; ARAUJO, L. B. M.; PONSONI, S. Reflexões acerca da análise dialógica dos discursos verbo-visuais: um caso de humor na política brasileira. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.8, n.2, p. 24-42, jul./dez. 2013.
- BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre a poética sociológica). Trad. Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4. ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1963].
- BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética – a teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: UNESP; Hucitec, 1998 [1975].

- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].
- BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.
- BAKHTIN, M. M. *Teoria do romance I – A estilística*. São Paulo: Editora 34, 2015 [1930].
- BAKHTIN, M. M. *Teoria do romance II – As formas do tempo e do cronotopo*. Tradução por Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018 [1975].
- BEZERRA, P. Prefácio. In: BAKHTIN, M. M. *Teoria do romance I – A estilística*. São Paulo: Editora 34, 2015 [1930]. p. 7-13.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Perguntas e respostas. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/perguntas-e-respostas>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- BUTLER, J. Traços humanos na superfície do mundo. *N-1 Edições*. Trad. André Arias e Clara Barzaghi. Disponível em: <https://n-ledicoes.org/042>. Acesso em: 30 maio 2020.
- DE PAULA, L.; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos* (SP), v. 49, n. 2, p. 706-722, jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2691>. Acesso em: 7 jul. 2020.
- DUBOIS, P. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas (SP): Papyrus Editora, 1993.
- GRILLO, S. V. de Camargo. Esfera e Campo. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 133-160.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- LINDER, L. Quarentena reduziu pela metade transmissão da covid-19 no Brasil, diz estudo. *UOL, Deutschwelle*, 25 jul. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/07/25/quarentena-reduziu-pela-metade-transmissao-da-covid-19-no-brasil-diz-estudo.htm>. Acesso em: 30 jul. 2020.
- OLIVA, D. Pandemia em fotos, Folha de São Paulo (on-line), São Paulo, 2020. Disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/mundo/2020/pandemia-em-fotos/covid-19/>. Acesso em 27 jun. 2020.
- ROHLING DA SILVA, N. Fotografia: um enunciado complexo e multifacetado. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 13, p. 1-14, 2010.
- RÜDIGER, F. *Cibercultura e pós-humanismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- STOKPHOTO. Disponível em: <https://stockphoto.com/search.php?q=+v%C3%ADrus>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- UFRGS. *Qual a diferença de distanciamento social, isolamento e quarentena?*, 18 set. 2020. Disponível em: https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/. Acesso em: 27 jul. 2020.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017[1930].



Recebido em 24/11/2020. Aceito em 29/12/2020.